

## CIGE – INSPIRAÇÃO, AFETOS E FORMAÇÃO INVESTIGATIVA: COMO O FEMINISMO NO NEIM SE PROJETA PARA O FUTURO

Sandra Maria Cerqueira da Silva<sup>1</sup>  
Izaura Cruz<sup>2</sup>  
Ângela Maria Freire de Lima e Souza<sup>3</sup>

*Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior.... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa. E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma. Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias. E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de 'nós'*

Sou feita de retalhos - Cris Pizzimenti

### RESUMO

Este texto-colcha é composto de recortes emocionados de vida. As narrativas apresentadas nesse artigo “costuram” 10 anos de existência do Grupo de Pesquisa em Ciência, Gênero e Educação, o nosso CIGE. Utilizando de agulhas das opressões, linhas que costuram saberes e retalhos das epistemologias feministas estabelecemos para este caminhar conjunto uma forma particular de fazer ciência. Para essa costura entrelaçamos os depoimentos das pessoas que dão corpo ao grupo nos dias de hoje. Emerge do bordar de palavras críticas aos modos de produção e de transmissão de conhecimento da ciência moderna e novas proposições de lentes para ver o mundo. Para combinar ‘pedaços’ e acolher diferenças, dialogamos com autoras e autores em torno da ideia de

<sup>1</sup> Doutora (2016) pelo Programa de Pós-graduação em Controladoria e Contabilidade da FEA/USP. Possui graduação em Administração pela Universidade Estadual de Feira de Santana (1994) e Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado da Bahia (2007). Atualmente é Assessora Especial de Políticas Afirmativas - Analista Universitário e Professora Adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora Assistente e Membro do Núcleo Docente Estruturante do curso de Administração da Faculdade Anísio Teixeira. Cofundadora e Pesquisadora em Gênero e Raça GENERA. Pesquisadora Associada Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM.

<sup>2</sup> Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará. É especialista em Sexualidade Humana, pela UNESA-RJ, Mestre e Doutora em Ensino Filosofia e História das Ciências pela UFBA/UEFS. Atualmente é professora Adjunta da Faculdade de Educação e também atua como Coordenadora de Ações Afirmativas, Educação e Diversidade da Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM/UFBA e do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades - NuCuS/UFBA.

<sup>3</sup> Possui graduação em Ciências Biológicas Licenciatura pela Universidade Federal da Bahia (1978), mestrado em Biologia (Botânica) pela Universidade Federal da Bahia (1983) e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2003). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ciência, Educação e Gênero, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, educação, ciências biológicas, Ciência, Gênero e Ensino de Biologia. É Pesquisadora Permanente do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismos.



“escritas de si”. Isto, com a expectativa de produzir narrativas que deem relevo às experiências partilhadas pelas partes-pessoas dentro de um processo de formação compartilhada de pesquisadoras/es em um contexto fundamentalmente feminista.

**Palavras-chaves:** Educação, Gênero e Ciência; Escritas de si; Formação compartilhada de pessoas pesquisadoras; Estudos feministas.

#### **ABSTRACT**

This quilt-text is made up of emotional snippets of life. The narratives presented in this article "stitch together" 10 years of existence of the Science, Gender and Education Research Group, our CIGE. By re-signifying the needles of oppression and using threads that stitch together the knowledge and patchwork of feminist epistemologies, we have established, through our journey together, a particular way of doing science. For this stitching, we have interwoven the testimonies of the people who make up the group today. It emerges from the embroidery of words critical of modern science's ways of producing and transmitting knowledge and new propositions of lenses for seeing the world. In order to combine 'pieces' and welcome differences, we dialogued with authors around the idea of "writings of the self", that is, with the expectation of producing narratives that highlight the experiences shared by the parties within a process of shared training for researchers in a fundamentally feminist context.

**Keywords:** Education, Gender and Science; Writings of the self; Training of Feminist Scientists; Shared training of researchers; Feminist Studies.

## Introdução

Se esse texto tivesse a condição de emitir som e se apresentar, ele diria que, semelhante ao que Cris Pizzimenti diz de si, aqui também há uma colcha costurada a partir de retalhos. A produção resulta da soma de recortes carregados de emoção. A construção de muitos dos parágrafos resulta de trechos que correspondem a depoimentos afetivos juntos contam a história de um grupo. Os pedacinhos coloridos, passagens de vidas, vão sendo somados, narrando um caminhar coletivo que relata, desde o nascimento, o ser menina, o adolescer e o amadurecimento conjunto de pessoas e do ‘corpo’ que dá forma ao Grupo de Pesquisa e Estudos em Ciências, Gênero e Educação (CIGE). Cada ‘taco’ com sua singularidade, nem sempre feliz, às vezes envolto em muito cansaço. O importante de trazer a luz é que todas as participações, a seu modo, acrescentam e fazem do grupo o que ele é hoje.

Nesse caminhar houve passantes e quem se deteve. Todas estas pessoas somaram e somam para uma mesma construção. Como para Cris Pizzimenti, em cada encontro, e através de cada contato, o grupo foi ficando maior e mais denso. Em cada aproximação uma oportunidade de aprendizagem, que o tornou mais habilitado ao reconhecimento dos potenciais implicados e das habilidades que nele podem ser reconhecidas e realçadas.

Este texto surge para atender ao chamado da celebração dos 40 anos do NEIM. Nós do CIGE avaliamos que a melhor maneira de apresentar o grupo, seria espelhar como ele funciona. Por isso, escolhemos a estratégia de realização, a muitas mãos. Que cada Ser trouxesse seu olhar, e, de cada lugar social, veio gente e material para coser esta produção. Algumas pessoas, dado o momento particular, não tiveram a condição de se expressar na escrita. No entanto, reconhecemos o valor do pontuar: “não pude, mas queria! Não consegui.” Como no depoimento doloroso da pedagoga Paula Vielmo, quando abre o coração e denuncia: “Tenho interagido pouco, pois geralmente leio as mensagens já tarde da noite e prefiro não enviar mensagem tarde. Estou em condições de trabalho com uma sobrecarga desumana. Não está nada fácil a educação básica e menos ainda a educação profissional e tecnológica, desafios realmente imensos. Esse contexto tem me exaurido e não estou conseguindo fazer muita coisa. Somente por este contexto que não participarei da escrita deste lindo artigo, e ao tempo que lamento por me ver

produto da ‘sociedade do cansaço’ de Byung-Chul Han (2015), tenho convicção da compreensão de vocês.”

Esta é a realidade de várias pessoas educadoras. Estas pessoas profissionais não têm condições de fazer tudo que gostariam, porque já se doam à exaustão. As palavras de Paula e da Lina Aras, quando diz - ao falar da dificuldade de parar: “Nem se preocupe. Estou no xale da doida”, ecoam as vozes de milhares de colegas, pessoas paralisadas, diante da falta de respeito à profissão mais importante para as sociedades; pessoas que vivem continuamente em estágio de exaustão, portanto, adoecidas. Nós do CIGE nos solidarizamos e buscamos encontrar meios de nos mantermos presentes, dado a sermos persistentes caminhantes e atentar para a prática do Esperançar, que Freire (1992) propõe. Compreendemos que “Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança” (p. 47). Esta compreensão nos nutre e dá condições de seguir.

A base para a construção do texto foram depoimentos curtos, com um a três parágrafos, solicitados aos participantes do grupo via rede social *WhatsApp*. Inicialmente os depoimentos foram sendo acolhidos conforme a ordem de entrega. Na sequência da construção para tornar a leitura a mais fluida possível às pessoas leitoras, a estratégia foi estabelecer uma cronologia de fatos ocorridos no transcurso da história do ajuntamento e até a instituição CIGE estar conformada. Também nesta forma a sequência de chegada foi observada. E assim elaboramos a produção com cada ‘naco’ recebido e avançamos no cozimento desta colcha utilizando dos retalhos colhidos e das linhas, hora mais grossas – marcadas, hora invisíveis que dispúnhamos. Ao final, cada Ser colocou o que foi possível e aqui está nossa oferta. Nossa parte da colcha maior, que é o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM.

Os depoimentos foram chegando cada um com uma forma própria, com relatos que tinham desde uma frase ou um parágrafo, até longas cartas-desabafo que denunciam opressões de gênero. A diversidade das formas não se conformou em impedimento, mas em novos elementos/acessórios que conferem abundância à produção, portanto, acolhidos na íntegra, contrariando a advertência anterior de que havia a possibilidade de – devida as escolhas metodológicas – somente ser possível contemplar parte do relatado. Tudo fez parte.

Aqui vale lembrar o conceito de “conhecimentos situados”, de Donna Haraway, muito importante para os estudos feministas, Haraway (1995), em seu artigo original de

1988, nos apresenta novas ideias sobre objetividade, universalidade e neutralidade na ciência, desafiando-nos a pensar no sujeito do conhecimento para além de posições universalistas ou relativistas, mas sempre salientando o caráter parcial e situado desta produção de conhecimento. Esta parcialidade e situação específica nos convidam fortemente ao exercício da partilha e da soma, do estabelecimento de redes, de modo que as perspectivas posicionadas, juntas, possam proporcionar uma melhor aproximação da realidade, por assim dizer. Neste contexto, descortinam-se as relações de poder, centrais nos depoimentos colhidos e analisados para a construção do artigo. Para as autoras, a compreensão da objetividade é aquela proposta por Haraway, para quem está só é atingida reconhecendo a nossa situação, a localização onde nos encontramos a partir dos nossos próprios corpos, e nunca de um “lugar nenhum” transcendente, capazes de uma visão sem limites. A soma das diferentes experiências relatadas é, portanto, crucial para a construção de uma visão mais completa do contexto em que o grupo foi criado e se mantém, a despeito ou, quem sabe, por conta mesmo das muitas lutas cotidianas travadas ao longo do tempo.

Nestes termos, avaliamos que ao falar do CIGE, estávamos cada uma e cada um falando de si, e, no conjunto, falando desta entidade que se consolidou como uns lugares de afeto como o são aquelas que são foco da nossa atenção, às mulheres. Com a soma de narrativas o CIGE conta, ‘fala’ de si, com uma epistemologia feminista própria. Margareth Rago (2013, p. 43) já descrevia esse grande desafio que representa a escrita de si. A historiadora feminista brasileira nos convoca a refletir sobre a aventura de contar-se, do fazer da própria vida um testemunho da construção na construção de novos estilos de vida e em movimentos revolucionários. Rago (2013, p. 01) tem uma leitura particular sobre o potencial da escrita feminista.

Aos poucos, surgem novas reflexões sobre a subversão desse gênero literário tomado no feminino, já que as mulheres, ao narrar, borram as fronteiras entre público e privado, ficção e realidade, intimidade e política, o eu e o mundo, especialistas que são na arte da transgressão e do questionamento dos mecanismos de sujeição. Com os feminismos, as mulheres passam a desconstruir as narrativas que controlavam as suas vidas e buscam produzir novas cartografias existenciais.

É por compreender a necessidade de reformar tais fronteiras que optamos por esta estratégia, da escrita feminista que parte de si e soma como gotas para culminar um mar coletivo. Também por apostar na riqueza dos depoimentos sobre cada experiência no e para o CIGE. Como em Rago (2013), percebemos os relatos autobiográficos como

“escritas de si”. O que funciona ainda como aberturas para ‘O Outro’, “como espaços intersubjetivos em que se busca a constituição de subjetividades éticas”, além da transformação social (p. 2). O conceito da “escrita de si”, de acordo com Rago (2013, p. 2) funciona “como práticas constitutivas das artes da existência e são fundamentais para entendermos como as mulheres aqui apresentadas ousam mergulhar nas profundidades íntimas de suas experiências vividas e reinterpretá-las”. Este conceito espelha o nosso fazer, quando questionamos, como em Rago (p. 2) “as marcas do poder e das violências impressas em seus corpos, recusando o destino supostamente biológico que lhes foi imposto, para construírem-se autonomamente em sua singularidade.” Rago (2013, p. 2-3) registra que tais produções, instaladas em cada novo território:

[...] apontam para a exposição de vivências que precisam ser grafadas, ditas e esclarecidas como atitude crítica aos valores morais e às verdades instituídas, apontando tanto para um trabalho sobre si, quanto para a luta política em defesa da dignidade, da justiça social e da ética. Escrever-se é marcar sua própria temporalidade e afirmar sua diferença na atualidade.

Acreditamos que apresentar o nascimento e os caminhos para estruturação do CIGE, além de fortalecer grupamentos semelhantes, possam inspirar na elaboração de novos espaços para produção de ciência, com foco na educação e em bases feministas. O pesquisador Paulo Goetze afirma - com o que nós concordamos - que: “a importância desse texto para o dossiê, que celebra os 40 anos do NEIM, vem no sentido de contar a história vitoriosa e constante de um grupo coeso, longo e que possui um trabalho sólido de formação e comunicação das ciências. Contar essa história é, além de olhar para o passado, também vislumbrar um futuro cada vez mais comprometido com a educação.”

E assim, aqui grafamos o decorrer do tempo que foi necessário a instituição do CIGE na forma e potencialidades que dispomos hoje. Desta maneira, no firme propósito de apresentar como o grupo foi criado e ampliado aos poucos, e por reconhecer esse fazer coletivo que, a seguir, será contada esta história, com a soma das partes, na medida em que os retalhos foram sendo ofertados pelas pessoas que fazem parte do CIGE. E que, ao relatar suas vivências no grupo, contam a história de trajetórias que dão corpo ao grupo.

## **Os Primeiros Passos**

Como convém, o ponto de partida é o relato da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ângela Maria Freire. Ela conta do surgimento e das motivações que provocaram a união de pessoas, trazendo

consigo suas “*práticas feministas de subjetivação*”, enquanto conformação do CIGE. Ela intitulou o próprio relato. O batizou de “A memória e a escrita: a dor e a delícia de ser uma acadêmica feminista.” No começo cita Khalo: “Pinto a mim mesma porque sou sozinha e porque sou o assunto que conheço melhor.” (KAHLO<sup>4</sup>, 1995, p. 106). Ela nos diz: “no momento em que nos mobilizamos para celebrar os 40 anos do NEIM, também me senti encorajada para escrever sobre a minha própria trajetória como uma professora universitária; motivada e reflexiva. Em especial, nestes tempos. Tempo em que, como a freira católica e teóloga feminista - Ivone Gebara<sup>5</sup> –, percebo, cada vez mais claramente, ‘a velhice que eu habito’. Como está imensa filósofa contemporânea, penso que ‘ser velha é lembrar-se de muitos momentos de sua história como se fossem uma colcha de retalhos soltos e cujos fios que antes costuravam um pedaço no outro já não se consegue mais refazer. ‘(GEBARA, 2021, p. 36)”

Outra vez os retalhos são destaque. Agora, nas palavras de alguém que dialoga com as questões que suscitaram o surgimento do CIGE. A professora Ângela segue: “neste sentido, reconheço que é muito difícil resgatar com fidelidade os acontecimentos, momentos, encontros e desencontros já tão temperados pelo tempo e pelas nossas próprias peculiaridades emocionais. Ainda assim, é preciso falar, contar de si, talvez como um processo de cura, generoso em relação a mim mesma, e às outras mulheres com as quais dividi a minha vida profissional e afetiva, numa longa e profícua caminhada ao longo de 44 anos de carreira.”

Nostálgica, recupera: “nesta longa trajetória se insere uma mudança de ventos, eu diria, quase uma tempestade: aos 40 e poucos anos de vida e já uma muito experiente professora de Biologia na Universidade Federal da Bahia, percebi que as minhas inquietações em torno da carreira acadêmica e mais a necessidade de conciliação com a vida pessoal de uma mulher mãe de três filhos, constituíam um objeto de estudos já consolidado e extremamente interessante, assim como era estimulante o trabalho das mulheres do NEIM, professoras brilhantes e guerreiras, que falavam no nome de uma categoria de análise que, para mim, àquela época, designava uma categoria sistemática, na classificação dos seres vivos: o Gênero.”

---

<sup>4</sup> KAHLO, F. O Diário de Frida Khalo. **Um autorretrato íntimo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

<sup>5</sup> GEBARA, Ivone. **A velhice que eu habito**. São Paulo: Claraboia, 2021.

Revisitando memórias, a professora Ângela recorta: “por assim dizer, corri atrás.... Fui procurar, a partir do chamado de uma minha melhor amiga, um contato com esses estudos. Comecei a ler, buscar informações, e terminei me inscrevendo como aluna especial na disciplina Estudos Feministas, a cargo de ninguém menos que a grande Cecília Sardenberg. Foi um caminho sem volta. Para não alongar muito este relato, digo apenas que logo estava fazendo o doutorado em Educação, orientada por uma das professoras integrantes do NEIM, Elizete Passos e, em seguida, me tornei uma pesquisadora do Núcleo. Foi neste momento que comecei a vivenciar a luta, ou melhor, a saga, de uma feminista na universidade.”

A contação segue. “Como sempre fiz, mergulhei profundo nas experiências novas e desafiadoras, estudando loucamente – afinal, uma professora de biologia pouco sabia sobre as ciências humanas em sua enorme complexidade - e me envolvendo de modo visceral nos cursos de pós-graduação que passei a integrar. Foram neste contexto que aspectos muito sombrios passaram a permear as minhas experiências... Durante aqueles primeiros anos do século XXI eu me sentia numa espécie de limbo: não era mais a ‘ótima professora’ de Biologia Celular e Molecular, porque deixei de fazer pesquisa na área e tampouco estava confortavelmente instalada no campo dos Estudos de Gênero, uma vez que não tinha o *background* dos ‘nativos’ das Humanas. Lembro de uma reflexão da física, escritora e ativista feminina norte-americana Evelyn Fox Keller sobre a importância de jamais ‘tirar o pé’ do nosso próprio campo científico quando nos ocupamos dos estudos de gênero, talvez assim carreguemos mais legitimidade científica... Ela própria nos confirmou isso, em sua visita ao NEIM, em meio às comemorações do aniversário de 200 anos de Charles Darwin.”

No caminho de transição foram sendo erigidos muros. Eles não a detiveram. A professora registra: “Fui conquistando aos poucos a confiança de meus novos pares, contando com o apoio fundamental e inesquecível de Ana Alice Costa e Cecília Sardenberg, fundadoras do NEIM. A ‘feminista de araque’ estava aos poucos se tornando alguém confiável teoricamente, ao mesmo tempo em que começava a perder prestígio no ambiente das Ciências Naturais.”

“As críticas chegavam na mesma proporção em que a minha produção aumentava”, relata professora Ângela: “escrevi artigos àquela época, não apenas os resultantes da tese de doutorado, mas também a partir de novos estudos e observações

que, obviamente, eu era cada vez mais capaz de realizar, porque já acumulava um arcabouço teórico consistente, além de um olhar treinado para ver as assimetrias de gênero no mundo científico. No entanto, junto aos meus pares, nos dois programas em que atuava, tanto no que me formou, quanto no outro, um dos mais conceituados naquele momento, eu era alvo de, no mínimo, uma certa curiosidade e, não raro, um desprezo que me pareceu muito óbvio em certos momentos.”

A professora Ângela Freire segue rememorando e apresentando experiências traumáticas e de ruptura, de combate e rebeldia na afirmação de outros modos de viver. Nos conta que: “as situações incômodas foram se acumulando e incluíram constrangimentos, como em uma passagem em que um colega docente citou, jocosamente, num seminário interno, a importância que a micção de um homem teve na elucidação da trajetória de uma curva no espaço (para mim, uma clara provocação, desrespeitosa, ilustrando a suposta ‘superioridade’ masculina), além de perguntas de estudantes sobre qual seria a importância de discutir o patriarcado dentro de um curso de formação de professores (!). Haviam falas de colegas desestimulando as alunas que demonstraram interesse sobre gênero, alunas essas tocadas, em algum momento, pelo discurso feminista que eu apresentava. Em seus registros consta algo que foi preciso destacar. Conforme escreve, talvez seja o aspecto mais relevante, para mim: o boicote silencioso dos (e das) estudantes à disciplina que criei, Gênero nas Ciências.

Enquanto disciplina alocada no programa, dentre as pessoas matriculadas no curso, as únicas que a cursaram eram as minhas orientandas e orientandos, os demais estudantes vinham de outros programas, esses já sensibilizados pelo pensamento feminista. Quando o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (PPGNEIM) foi criado, a disciplina passou a integrar o elenco de Optativas do nosso curso, atraindo muitos alunos e alunas que sempre relatam a importância das discussões de cunho filosófico, epistemológico e metodológico no contexto da disciplina.”

Neste ponto do relato a Professora Ângela faz questão de deixar registrado que “saí de um dos Programas por decisão interna deste, e relata que à sua revelia (fui comunicada, por telefone, que estava desligada); do outro, me retirei para me dedicar exclusivamente ao recém-fundado PPGNEIM. Mas, muitos anos depois, diante de uma plateia grande, um colega se referiu ‘gentilmente’ a mim, não sem dizer que eu saí do

Programa dele porque não tinha ‘produção suficiente’... Sem, obviamente, especificar que tipo de ‘produção’ contava para ele. Estas são algumas das formas utilizadas pelo patriarcado para tentar nos calar.”

“É salutar realçar que essas experiências dolorosas foram também permeadas por muitos momentos de realização profissional e de afetos que, obviamente, me sustentaram por alguns anos nesses ambientes.” Eis que chegou o momento de citar o CIGÉ, grupo de pesquisa em Ciência, Gênero e Educação, que a professora Ângela criou em 2012, em meio, conforme relata, àquela turbulência que vivia, como o espaço de resistência com o qual contou sempre, assevera a professora.

“Formado principalmente por minhas orientandas e orientados”, testemunha a bióloga feminista, “lá no início, no CIGÉ eram exercitadas importantes características da construção do conhecimento, entre as quais destaco a comunicação entre os pares, a reflexão coletiva e compartilhada sobre cada aspecto da pesquisa científica e o estudo incansável. No interior das universidades os grupos de pesquisa constituem o *locus* preferencial de criação e compartilhamento de conhecimento.”

A atual coordenadora do CIGÉ Izaura Santiago da Cruz escreve que “a trajetória do Grupo de Pesquisa em Gênero, Ciência e Educação se iniciou formalmente em 2012.” Igualmente relembra que, “a princípio, a formação foi a partir de um grupo de orientandas e orientandos da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ângela Freire e de estudantes que tinham cursado a disciplina Gênero nas Ciências, ofertada no Programa de Ensino, Filosofia e História das Ciências e que depois passou a ser oferecida também pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM).”

A professora Izaura Cruz recorda que “ali estavam pessoas interessadas em discutir os impactos do gênero na produção científica ao longo da história e, também, problematizar as próprias concepções de ciência vigentes e suas implicações no ensino das ciências. Desde o surgimento, o grupo começou a se reunir periodicamente e se aprofundar nos estudos teóricos dessa área.” Naquele momento, conforme descreve, “várias pessoas do grupo estavam desenvolvendo pesquisas de mestrado e doutorado tratando de temas que tinham como suporte teórico mais amplo as discussões sobre Gênero, Ciência e Educação. Bem como, outras discussões também relacionadas aos temas que envolviam as relações entre gênero, ciência e as diferentes manifestações das



sexualidades, bem como, o campo da Educação Sexual. Estes são temas que sempre estiveram presentes.

Conforme consta nas menções institucionais, o CIGE é composto por pessoas que têm em comum, além do interesse nos estudos de Gênero, Ciência e Educação, também o engajamento com a luta feminista. Ou seja, acolhe as pesquisas acadêmicas politicamente posicionadas. Para tanto, concebe o conhecimento como necessariamente situado. Neste sentido é necessária a inspiração vinda das epistemologias feministas. Quem se junta ao grupo, portanto, busca ampliar as reflexões de gênero nas ciências, tanto ideando novas abordagens na perspectiva da crítica feminista à ciência, quanto divulgando experiências de mulheres cientistas por meio de biografias ou catalogação.”

Assim, este texto se configura em um inventariar necessário, uma vez que a difusão da atuação das mulheres na ciência, corresponde ao principal objetivo do grupo, qual seja, incentivar o ingresso e a participação desse coletivo no campo científico, principalmente nas áreas historicamente relacionadas ao masculino, como é o caso das denominadas ciências duras. Nas palavras da professora-coordenadora Ângela Freire, “o CIGE constitui um espaço rico, que abriga, atualmente, mais de trinta estudantes e pessoas pesquisadoras de diferentes áreas de conhecimento, configurando-se assim como um espaço verdadeiramente interdisciplinar. Nos últimos anos foi ampliado, com a incorporação de orientandos e orientandas da professora Lina Aras, cujos estudos históricos enriquecem as discussões e agregam novas perspectivas metodológicas ao grupo como um todo.”

## **A Chegada Ao CIGE**

O ponto de partida é diverso, como a população brasileira, mas o CIGE acolhe as diferenças. A porta de entrada no grupo é, quase sempre, pela realização de cursos da pós-graduação, conforme os depoimentos a seguir.

A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lindamir Salette Casagrande foi a primeira a enviar um relato para esta produção, que intitulou de “Eu no CIGE”. Em seu registro menciona que chegou ao CIGE em 2014, ao buscar o PPGNEIM para a realização de um estágio pós-doutoral. A pesquisadora desenvolveu o projeto *Para além do gênero: fatores socioculturais e*

*presença de homens e mulheres nas engenharias e licenciaturas da UFBA e UTFPR sob a supervisão da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Ângela Maria Freire de Lima e Souza.*

Para a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Amilde Fonseca a primeira imagem que elabora do CIGE é a aproximação com a orientadora que, em suas palavras, “literalmente, abriu os braços para acolher a potiguar, que tornar-se-ia soteropolitana de corpo e alma. Era maio de dois mil e treze, aniversário de trinta anos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – PPGNEIM. O encontro marca a intersecção entre a história de luta feminista do programa e o itinerário formativo do sujeito que o elege como seu espaço dialógico para aproximação à ciência e interação com outras pesquisadoras.”

Inicia-se, segundo Amilde, “a imersão nos estudos de gênero, as descobertas, a desconstrução necessária para (re)construção de conhecimentos e incorporação de novos saberes. A entrada no grupo de pesquisa Ciência, Gênero e Educação - CIGE foi uma consequência natural e possibilitou o aperfeiçoamento dos conhecimentos construídos e a socialização de saberes em apresentação e publicação de artigos, tanto na organização, como na participação em eventos locais e nacionais.”

“A minha trajetória no PPGNEIM iniciou-se em 2013” - relata Leandro Neri Brito - sobre sua chegada ao Núcleo -, “quando cursei a disciplina Gênero e História, ministrada pela saudosa e querida Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Alice Alcântara Costa. Depois vieram o mestrado e o doutorado. Como aluno regular, sou orientando da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Brandão de Aras.” Ele se apresenta, “sou Leandro, conhecido como Léo”, para as pessoas do seu entorno, como para nós do CIGE. “Fiz mestrado e estou fazendo doutorado no PPGNEIM-UFBA. Sou professor de História na Rede Estadual de Educação da Bahia, onde atuo como Professor de adolescentes que estão cursando o Primeiro e o Segundo Anos do Ensino Médio integrado à Educação Profissional. Nesse processo de estudante do PPGNEIM, cheguei até o CIGE, um grupo de estudos sério, resistente e acolhedor, onde o respeito pela ciência e pelas pessoas que fazem a ciência são, na minha percepção, os pontos fundamentais da sua constituição”, diz Léo.

“Desde que comecei o doutorado em 2011 no Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos (PPGNEIM/UFBA)”, relata a matemática feminista Márcia Barbosa, “tive o prazer de participar do grupo de



Pesquisa e Estudos Ciência, Gênero e Educação (CIGE), idealizado pela Profª Drª Ângela Freire.”

“Sou Leopoldina Menezes, Profª Drª do Instituto de Matemática e Estatística da UFBA. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. É assim que começa a narrativa na qual conta da participação no Grupo de Pesquisa e Estudos em Ciências, Gênero e Educação (CIGE). A professora Dina, como carinhosamente a tratamos no grupo, registra que estar no CIGE foi fundamental para a realização do doutorado, pois: após a obtenção do grau de doutora, apesar de ser lotada na área de exatas, contribuiu para que não me distanciasse da pesquisa e discussões sobre gênero e ciência.”

No caso de profissionais da educação, como a pedagoga feminista Regis Glauciane Santos de Souza – Glauce, como o afeto escolheu-, “a relação com o Grupo de Estudos e Pesquisas – Ciência, Gênero e Educação (CIGE) aconteceu desde a sua entrada no doutorado em 2016, no Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismos (PPNEIM/UFBA), grupo ao qual sua pesquisa esteve vinculada e foi desenvolvida, orientada pela Profª Drª Iole Macêdo Vanin. Todavia, o seu encontro discursivo, surge, conforme registra, na mesma época, mas, a partir da disciplina Gênero nas Ciências, ministrada pela professora Drª Ângela Freire, que a guiou numa imersão de conhecimento profundo sobre a Crítica Feminista nas Ciências”, destaca Glauce.

O pesquisador Paulo Goetze – para sempre Paulinho – nos conta: “entrei para o grupo CIGE em maio de 2012 a partir da minha pesquisa sobre a História do Feminismo na Bahia, orientada pela professora Ivya Alves”.

O professor Francisco Leal de Andrade – para nós do CIGE, Chico-, começa seu relato da aproximação com o grupo se apresentando. Ele registra que atualmente ocupa o cargo de professor adjunto no curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe. Ele diz: “gostaria de compartilhar um pouco da minha jornada em relação ao Grupo de Pesquisa CIGE e à inspiradora Professora Ângela Maria Freire de Lima e Souza”.

Revela que seu envolvimento com os estudos de gênero teve seu início nos anos em que era estudante de Ciências Biológicas na Universidade Federal da Bahia (UFBA), durante o período de 2001 a 2002. “Momento no qual teve a oportunidade de ter o

primeiro contato com o campo ao qual adjetivou ‘fascinante’”. “Isso se deu através da disciplina optativa ‘Sexualidade e Educação’ e do curso de extensão ‘Ciência, Educação e Gênero’, ambos ministrados com excelência pelas Professoras Ângela e Tereza Cristina. Em 2014, início minha participação como estudante pesquisador no CIGE, durante o doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, mais uma vez sob a orientação da Professora Ângela”.

A pesquisadora Juliana Márcia iniciou sua trajetória no CIGE em 2018, como uma recém-graduada em Serviço Social que iniciava o mestrado no PPGNEIM, sob a orientação da Profa Ângela Maria Freire de Lima e Souza. Juliana revela que “o acolhimento da orientadora, que é bióloga, foi indispensável para compreender o sentido da interdisciplinaridade e também para acolher o anseio de uma jovem pesquisadora querendo pesquisar algo pouco falado naquele período: mães negras na pós-graduação”. Ela afirma: “Ângela, além de me orientar também me estimulou a seguir, quando pensei em desistir, e me apresentou a nomes de outras mulheres que tinham pesquisas semelhantes com a minha, como as integrantes do Grupo *Parent In Science* e a c Silvana Maria Bittencourt”.

No meu caso, eu Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Maria Silva, narradora desta tessitura, chego ao grupo já como Pesquisadora Associada. Participei de um processo seletivo no mês de julho de 2020. Sim, em meio à pandemia do COVID. Durante a pandemia, eu, como muitas outras pessoas, encontrei nos estudos um meio para me manter sã, diante das tamanhas atrocidades que nos avizinhavam. O Brasil superou a marca de 700 mil mortes, chegando ao “recorde” de mais de 3 (três) mil mortes por dia. Era preciso buscar meios de acreditar e apostar na vida. Foi quando eu vi nas redes sociais a divulgação do Edital para cadastramento de Pesquisadora/es Permanentes e Associada/os/es do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – 2020. Me inscrevi sem muita esperança. Admirava a atuação das mulheres que compõem o NEIM fazia anos. Foi uma emoção muito grande e uma grata surpresa ser selecionada.

O NEIM havia passado por um momento de reestruturação, com o estabelecimento das Linhas de Pesquisa. Para o processo seletivo eu optei, uma vez que estava alinhada com a minha trajetória profissional, pela Linha Gênero, Ciência e Educação. Depois de algumas reuniões e da compreensão do funcionamento do grupo, em outubro de 2020, fiz um contato com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ângela Freire. Um registro que ficou

marcado, dado o acolhimento que recebi. A partir de então, fui apresentada aos demais integrantes e comecei a participar das reuniões do grupo. Estes encontros correspondem a momentos ricos! Oportunidade de ampliar conhecimentos, avançar com produções e estabelecimento de parcerias, conforme os relatos a seguir.

A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Aras relata que “também chegou ao CIGE num momento de reestruturação da organização das Linhas de Pesquisa no PPGNEIM. A afinidade temática foi reforçada pela admiração pessoal e acadêmica a Ângela Freire que na época era coordenadora do Grupo de Pesquisa”. O afeto está presente em nossas vidas e sua importância é evidenciada na participação amorosa nas atividades do CIGE.

## **O CIGE - Afeto E Relações De Cuidado E Confiança Como Mobilizadores Da Produção Acadêmica**

As pessoas que materializam a noção de patriarcado, com o objetivo de tentar desqualificar a atuação das mulheres, querem impor e limitar o reconhecimento do fazer ciência, impondo a nós mulheres a necessidade de que esse fazer se dê apartado das emoções. Sandra Maria Silva (2022) discute o negligenciamento das emoções pelos que determinam ‘a forma correta de fazer ciência’. A pesquisadora questiona o ideal de afeto e emoção como nociva à propalada racionalidade cientificista, também como inferiorizante da produção que acolhe o sentir, respeitando esta condição como inata ao Ser humano.

Como resultante de discussões para o planejamento desta produção, nós, do CIGE, concordamos que refletir sobre e relatar as experiências vivenciadas no grupo requer rememorar capítulos da própria vida. Essa busca evoca, conforme afirma Margareth Rago (2013, p. 43) que “[...] a escrita de si é uma grande aventura – a aventura de contar-se”. Para “contar-se”, deve-se rever a pessoa que desembarca em Salvador sem conhecer a cidade e nem as pessoas com quem vai interagir, como foi o caso da professora Lindamir Salete.

Izaura Cruz nos convoca a refletir, considerando a perspectiva de Alisson Jaggar e Susan Bordo (1997), que a partir da crítica feminista à ciência, de que as emoções, mesmo aquelas consideradas proscritas, como a raiva por exemplo, não são consideradas impeditivos ou mesmo fatores que são incompatíveis com a produção científica,

entendemos que o compartilhamento de emoções sempre foi um fator essencial para as construções acadêmicas do nosso grupo. Assim, o entrelaçamento dos nossos afetos nas nossas pesquisas e estudos acadêmicos não é parte acessória, mas sim, constitui um elemento que mobiliza toda nossa construção intelectual.

Os processos que envolvem a produção acadêmica, em uma perspectiva da ciência ocidental tradicional, sempre buscaram estabelecer a separação corpo/mente, razão e emoção. Dessa forma, os aspectos relativos às vivências cotidianas das pessoas, suas dificuldades emocionais e psíquicas, sempre foram considerados como elementos que deveriam ser isolados do fazer científico. Caso contrário, a ciência produzida não atenderia os critérios essenciais para uma pesquisa “isenta” e “confiável”.

Mas... como compatibilizar essa tão falada isenção em um grupo formado majoritariamente por mulheres, que sempre precisaram conciliar suas carreiras com a criação de filhas/os, com cuidados com familiares e enfrentar os difíceis dilemas da divisão sexual do trabalho doméstico? Esses debates e dilemas certamente não ficaram de fora das nossas reuniões. Mais do que isso, percebemos, aos poucos, que essas situações também ampliam nossos horizontes e possibilidades de pesquisa.

Além disso, as trocas emocionais, afetivas e científicas, também sempre ocorreram em almoços, cafés, participações coletivas em eventos, como o Fazendo Gênero e o Simpósio Nacional de História da Ciência e Tecnologia, nos quais o CIGE se fez presente de forma articulada e alegre.

Nós do grupo avaliamos que o CIGE é um espaço transformador, encorajador, um local de luta por empoderamento de todas as pessoas, especialmente, das mulheres. Um espaço de formação, o elo agregador de conhecimento, força e sororidade. Nos encontros, partilhamos os nossos trabalhos, discutimos textos importantes, elogiamos e fazemos críticas construtivas, tudo com o objetivo de crescimento em conjunto. Todas as pessoas de mãos dadas para fortalecer ao grupo, como um todo. Os artigos e demais projetos são construídos com as lentes de vários olhares e, nesse sentido, conforme Souza e Vanin (2020, p.87), há “[...] uma proposta de diálogo entrelaçado e de múltiplos olhares entre as áreas do conhecimento científico, visando dar sentido a uma nova concepção de ensino-aprendizagem.”

“Mediante os encontros teóricos-epistemológicos,” ressalta Glauce, “adquiri mais lucidez e consciência dos caminhos que deveria percorrer, entrelaçando estudos e práticas

docente e assim, fui me encontrando no pensamento que orienta e fortalece a minha práxis, fundamentada no referencial que se opõem ao ideal de objetividade trazido das Ciências Naturais para as Ciências Humanas, reconhecendo que o conhecimento é sempre situado (HARAWAY, 1995), que o conhecimento engajado não se opõe à busca da objetividade. Ao contrário, ao reconhecer a parcialidade de todo e qualquer conhecimento, o projeto feminista nas ciências, particularmente no que diz respeito às epistemologias feministas perspectivistas, se volta para a construção de uma ‘objetividade forte’, justamente por se reconhecer situada e, assim, ‘parcial’ (HARDING, 1996). Sendo estas as bases que fortaleceram minhas reflexões acerca da ciência, mas também, que me permitiram compreender que a emoção é livre e relevante na produção do conhecimento, especialmente, com a presença da subjetividade (JAGGAR; BORDO, 1997). Todo esse lastro, registra Glauce, me ajudou a desenvolver minha tese intitulada ‘*Gênero e Raça na Política Educacional Soteropolitana: Um exercício de justiça social*’, concluída em 2021, um estudo com integral aderência às discussões do CIGE.”

Para Leandro, “o CIGE é um espaço acadêmico de estudos e de pesquisas, que não se limita a isso. Ele é também um espaço de amizade, de reflexão, de partilha de vida, de celebração dos aniversários e das conquistas; é um espaço de consolação, onde a esperança é abraçada e compartilhada e as dificuldades ganham um peso mais leve, pois nesse grupo a certeza de que não estamos sozinhos na vida acadêmica, ou melhor, na vida como um todo, é uma gostosa verdade que mora no coração dos membros do CIGE. Um ‘lugar’ onde o sentimento de pertença é cultivado.”

“As reuniões sempre foram muito importantes para mim,” afirma Paulo Goetze. “Pela ausência de grupo na minha linha de pesquisa, encontrei no CIGE o acolhimento e a energia necessários para incentivar a minha vida acadêmica. Nos reunimos quinzenalmente às sextas-feiras para analisar aspectos metodológicos, apresentar nossos projetos de pesquisa e discutir textos como o ‘Dicionário de Filosofia’, de Nicola Abbagnano (2007), ou ‘Outras Epistemologias para os Estudos de Gênero: feminismos, interseccionalidade e divisão sexual do trabalho em debate a partir da América Latina’, de Débora Machado, Maria Luisa Walter Costa e Delia Dutra, ou ainda ‘Coisas Ditas’, de Pierre Bourdieu.”

“O que torna o CIGE especial, além de sua dedicação à pesquisa,” diz Francisco, “é a forma como ele cultiva relações baseadas na empatia, no cuidado, no acolhimento e



no respeito à diversidade de pensamentos. É um grupo que realmente abraça a pluralidade das epistemologias feministas, e estou orgulhoso de fazer parte dessa trajetória de conhecimento e transformação.”

Para Juliana, “os encontros semanais do grupo eram momentos de ricas trocas, onde nos permitíamos abrir nossos projetos para criticar e sermos criticadas num espaço seguro de construção coletiva de carreiras científicas dos mais diversos níveis. Os textos trazidos para os encontros também contribuíram muito para compreender de qual ciência estávamos falando, além de desconstruir as noções de neutralidade e objetividade para enfim podermos falar de um saber situado (HARAWAY, 1995).”

### **CIGE: Eventos, Frutos E Parcerias**

Lindamir Salete nos conta que “a parceria com a professora Ângela rendeu bons frutos, como por exemplo, dois artigos publicados em revistas Qualis A1: ‘Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas’ e ‘Percorrendo labirintos: trajetórias e desafios de estudantes de engenharias e licenciaturas’ e a proposição e coordenação de um GT no 14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, evento no qual construíram um espaço para que as pesquisas sobre Gênero, Ciência e Tecnologia fossem debatidas com os pares.” Ela aponta que: “o ano de 2014 esteve no PPGNEIM, o que permitiu o estreitamento dos laços entre o Núcleo de gênero e Tecnologia (GeTec) da UTFPR e o CIGE da UFBA.”

Esta parceria segue frutificando, mesmo depois do estágio pós-doutoral terminar. Lindamir registra que elas “seguiram levando os nomes das suas instituições para eventos país afora, dentre os quais destacamos a proposição e coordenação do GT *Gênero, Ciência e Tecnologia: Uma discussão ainda necessária!* A participação no VI Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade, em 2015, no Rio de Janeiro, no qual contaram com a parceria de Cintia Tortato e Nanci Stancki da Luz e o ST *Gênero, ciência e tecnologia: enfoques para a educação* aprovado e coordenado no 13º Seminário Internacional Fazendo Gênero de 2017 em Florianópolis.”

Para a professora Amilde, “o percurso no CIGE permitiu ainda à então doutoranda (2016), orientar a produção de trabalhos monográficos de conclusão do curso da

Especialização em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Os três anos e meio dedicados aos estudos de gênero e à produção da tese intitulada *O que podem as Pedagogas? Hierarquia de saberes e gênero numa instituição de ensino tecnológico*, também possibilitaram conhecer e experimentar outros hábitos alimentares, outras formas de enxergar a vida e ainda permitiu o despertar para as interseccionalidades como raça e religiões de matriz africanas, até àquele período adormecidas na consciência.”

“Nessa perspectiva, pode-se constatar que as formações pessoal e acadêmica são como as faces de uma moeda, embora distintas, são intrinsecamente articuladas. Nessa perspectiva, não há como negar o poder transformador do CIGE e a reviravolta que ocorre na vida das pessoas que se despem de todas as reservas e mergulham conscientemente na busca da construção dos conhecimentos situados, ou seja, aqueles que nos permitem transcender posições universalistas, totalizadoras e nos permitem (re)significar, assumir a responsabilidade, se posicionar, inclusive politicamente. Esses são os conhecimentos defendidos por Donna Haraway (1995) racionais, envoltos num ininterrupto processo de crítica, portanto abertos à contestação e por isso dialógicos, o que permite entender outras localizações e visões também parciais, desvela as relações de poder e impele a responsabilização pelo que é produzido. Essa construção nos instiga e possibilita refletir sobre a educação como espaço de luta. Ao compreendermos que independente da linha de pensamento seguida pela pessoa que conduz o processo, esse estará sempre permeado de intencionalidades. Não existem práticas neutras no ensino, na pesquisa ou em qualquer ação humana,” conclui Amilde.

“Minha jornada no CIGE,” afirma Francisco Andrade, “me proporcionou interações valiosas com pesquisadores de diversas áreas e participação em eventos como a REDOR e o Fazendo Gênero, onde o CIGE sempre marcou presença, valorizando nossas produções e propondo Grupos de Trabalho ativos. O grupo sempre teve um papel ativo na mobilização e motivação de sua equipe de pesquisadores para participar de eventos científicos na área dos Estudos de Gênero e Feminismos, entendendo a importância das dimensões política e científica.”

Pessoalmente, afirma Paulinho, “os tipos de dinâmicas que vivencio no CIGE me ajudam muito na construção de apresentações e artigos, inclusive para a minha mais atual



produção em capítulo do livro ‘Feminismos, Mídia e Subjetividades’ com o texto ‘Um Ponto Fora da Curva: o caso *How To Get Away With Murder*’, que apresentei para o grupo e faz parte da minha tese de doutorado no PPGNEIM. Foi fundamental ter explanado esse trabalho para o grupo e ouvir seus *feedbacks* com contribuições e observações preciosas, assim pude apresentá-lo no Fazendo Gênero e tê-lo selecionado para a publicação.”

## **Vivências no CIGE, pautas de hoje e outras interações**

Para Paulo Goetze, “com a perspectiva da interseccionalidade, conforme Carla Akotirene (2019), conseguimos aliar os conhecimentos diversos e os articular com nossas próprias pesquisas. Apresentamos nossos projetos de pesquisa (mestrado e doutorado), e, após amadurecer nossas propostas de apresentações nos encontros do CIGE, partimos para participações em eventos locais, nacionais e internacionais.”

Para tanto, ele destaca, “discutimos comunicações e artigos científicos para diversos eventos, a exemplo do Simpósio do NEIM, G-INTER (Encontro Gênero, Interdisciplinaridade e Interseccionalidades), Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, Congresso Iberoamericano: ciência, tecnologia y género, Congresso Internacional de Estudos sobre Diversidade Sexual e de Gênero, Seminário em Línguas e Culturas Africanas, Congresso Internacional Fazendo Gênero, ABEH, entre outros, o que demonstra o compromisso do grupo com o conhecimento, sua difusão e a inserção que as/os integrantes têm nos diversos espaços.” Paulinho registra que saiu do grupo em 2013 para “mobilidade acadêmica em Portugal e voltou em julho de 2020 pelas mãos da minha atual orientadora, Lina Aras.”

Márcia Barbosa fala do prazer que é compor o CIGE. “O prazer esteve presente desde os primeiros contatos, desde o começo, pois o grupo se mostrou acolhedor e incentivador.” Ela registra que: “para a minha formação pessoal e acadêmica, o CIGE possibilitou grandes avanços na minha visão sobre problemas estruturais de nosso país, fortalecendo minha luta no combate a todos os tipos de discriminação, principalmente no que se refere às questões de gênero, ainda tão presentes em nossa sociedade. E para uma ‘lagarta’, ainda muito fechada dentro do seu casulo – nas Ciências Exatas, começar a patinar na seara das Ciências Humanas, não foi nada fácil.” Afinal, ela registra: “essa mulher, professora, pesquisadora, formada dentro do mundo da matemática estava

acostumada ao modelo cartesiano, ao pensamento lógico, às hipóteses e teses dos teoremas. Como poderia assimilar e entender as concepções dos diversos filósofos/as e estudiosos/as que estão inseridos no universo dos estudos feministas e dos estudos de gênero? Só mesmo com o apoio incondicional da idealizadora do grupo e das pessoas que dele participam.”

Leandro traz mais um substantivo, para falar da própria vivência no núcleo, a alegria. Ele diz: “fazer parte do PPGNEIM como estudante é uma das maiores alegrias da minha vida. Tudo que vivenciei até aqui como discente deste programa de pós-graduação me trouxe, além de muita satisfação e crescimento intelectual, melhorias em diversos aspectos da minha existência: novas formas de pensar o mundo; ressignificação do meu jeito de viver a minha masculinidade e a minha orientação sexual; potencialização da minha crença de que podemos, a partir das nossas realidades e possibilidades, através das nossas utopias e lutas, fazer deste mundo um lugar melhor para todas e todos, um lugar onde o machismo, o androcentrismo, o racismo, a LGBTfobia e tudo aquilo que traz sofrimentos para as pessoas sejam combatidos e deem lugar à relações baseadas no respeito, na solidariedade, na amorosidade e na celebração das diferenças; entre outras.” Os anseios de Léo refletem os anseios do conjunto das pessoas que fazem parte do CIGE.

É importante destacar, registra Juliana Marcia, “que estar inserida num grupo de pesquisadoras que ousava criticar a soberania dos saberes científicos baseados no patriarcado e no sexismo fez toda diferença quando precisei enfrentar perguntas inconvenientes e às vezes críticas perversas que simbolizavam a onda anticiência e neoconservadora proclamada pelas escolhas do governo federal 2018-2022. Foram anos difíceis para ser uma cientista feminista, mas encontrávamos métodos e técnicas para sobreviver e resistir pesquisando em tempos tão sombrios.”

Juliana registra ainda que, “durante a pandemia ministrou cursos gratuitos para mães que tentaram seleções de mestrado e doutorado na tentativa de modificar o cenário da pós-graduação brasileira. Hoje, sou ativista do movimento de mães no Brasil e luto com companheiras de todo o país por uma política de permanência das mães na universidade e no mercado de trabalho, tendo sido referenciada em alguns estudos sobre maternidade e carreira. Para mim é evidente que além de uma cientista feminista o CIGE me tornou uma cidadã feminista que dentro ou fora dos muros da universidade assumiu um compromisso de mudar radicalmente a sociedade.”

Em 2020 a pesquisadora foi aprovada no doutorado em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Ela reconhece que recebeu todo o apoio do grupo para “encarar o desafio de mudar de estado e voltar para os braços de Marx, Yamamoto e Netto sem tirar do coração Davis, Collins e Schiebinger.” Assim, diz: “durante o estágio doutoral levei autoras feministas para a sala de aula e plantei a sementinha feminista no coração de assistentes sociais em formação.”

## **Fazer Ciência: A Proposta Que Estrutura O CIGE**

“Na vida acadêmica, a pesquisa é um pilar fundamental e o CIGE desempenha um papel imprescindível na formação de graduandas/os, mestrandas/os e doutorandas/os com afeto, disciplina e a prática do fazer ciência,” afirma Paulo Goetze.

Neste sentido, Leandro registra que, “tanto o PPGNEIM, quanto o CIGE me mostraram que é possível fazer ciência e viver a realidade acadêmica, apesar de todos os desafios, incertezas, dificuldades e angústias, de uma maneira mais leve, humanizada e centrada em relações humanas baseadas no respeito, na escuta e no acolhimento de cada uma e cada um com seu jeito de ser e suas limitações e potencialidades. O CIGE é o nosso espaço feliz de trocas, de carinho, de aconchego, de rigor científico e de poesia amorosa construída no cotidiano dos afetos que nos unem.”

Para Francisco, “as experiências com as disciplinas de conteúdo feminista marcaram profundamente o início da sua trajetória acadêmica e despertou nele um interesse genuíno pelos estudos de gênero, marcou o ponto de partida de uma jornada que moldaria o rumo da sua carreira acadêmica.” A partir desse ponto de partida, sua jornada no campo dos estudos de gênero e feminismo foi se “desenvolvendo e se enriquecendo ao longo dos anos, moldando seu percurso profissional e acadêmico.” Após concluir os cursos, seu interesse por questões relacionadas ao gênero na educação só aumentou. Buscou aprimorar seus conhecimentos por meio de cursos adicionais e participou ativamente de eventos dedicados a tais temáticas.

Foi na experiência com as disciplinas elencadas que Regis Glauciane Souza se conecta de fato “com o feminismo e com as reflexões mais amadurecidas.” Ela registra que se viu uma professora pedagoga feminista e, refletindo sobre suas práticas profissionais tanto escolares, quanto nos espaços de produção bibliográfica, se viu

“ancorada no referencial teórico-epistemológico feminista perspectivista, norteada por experiências e escritas fortalecidas pela *Standpoint Theory*, ou “*Teoria do Ponto de Vista*”. Glauce nos conta que, “ao ler entre outros textos, o da Sandra Harding (1996) – “*Ciência y Feminismo*”, da Donna Haraway (1995) – “*Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*” e da Cecília Sardenberg<sup>6</sup> – “*Da Crítica Feminista à Ciência: uma ciência feminista?*”, chego à conclusão, a partir das abordagens das autoras, de que ainda não temos uma ciência feminista, mas, formas feministas de fazer ciência e, que, sem um projeto de transformação, a crítica às ciências não será possível. Me senti provocada e pertencente ao chamado para a transformação social através da educação e então, escrevi o artigo intitulado – ‘*Por Uma Pedagogia Feminista – Da Estrutura à Resistência*’<sup>7</sup>, apresentado em seminário na disciplina Gênero nas Ciências e recentemente publicando numa revista científica<sup>8</sup>.”

Concomitante a esses estudos, no doutoramento (2016), Glauce registra “importantes experiências, entre outras, com a disciplina ‘Seminários Multidisciplinares de Pesquisa’ – desenvolvida em blocos temáticos. E mais uma vez, fortalecida pelas discussões de ‘Gênero nas Ciências’, pelas ‘Teorias Feministas e interseccionalidades de gênero, classe, raça/etnia, geração e sexualidade’ e, ‘Gênero na História’, também me empenhei a escrever o capítulo – ‘*Sujeitos do Conhecimento e o Protagonismo Histórico: considerações sobre a crítica feminista nas ciências e suas contribuições metodológicas para educação*’, em parceria com a professora Iole Macêdo Vanin<sup>9</sup>.”

“Após o caos mundial da COVID-19, me encontrando produtiva, em meados de 2022,” relata a educadora Glauciane, busca reintegrar-se em grupos de estudos e pesquisas, “momento que (re)encontro o CIGE, não mais como estudante em disciplinas de um curso, mas, como pessoa que deseja projetar estudos e intensificar investigações de forma coletiva. Sendo acolhida,” conforme aponta, “por um grupo de estudos e pesquisas consolidado e muito potente na formação de novas e outras mentalidades: anti-androcêntricas, anti-coloniais, anti-doutrinárias e anti-opressoras, caminhando por um

---

<sup>6</sup> Umas das professoras também no curso.

<sup>7</sup> Que além de discussões teóricas, apresenta uma proposta pedagógica para a educação.

<sup>8</sup> Publicado na Revista JNT **Facit Business and Technology Journal** da (FACIT-TO) na edição 44 de 2023.

<sup>9</sup> Publicado em 2020 no livro “Docências e Práticas pedagógicas: percursos, reflexões e experiências no cotidiano da educação”, organizado pelo professor Eliseu Riscaroli (UFT).

viés colaborativo vigilante e que denuncia as opressões vivenciadas pelas mulheres, com foco nas mudanças necessária ao empoderamento destas mulheres pela prática de produção do conhecimento que liberta (SCHIEBINGER, 2001).”

“Esse é o aporte fundamental desse grupo de Estudos e Pesquisas”, afirma Glauce – “se envolver na formação de sujeitos que constroem o conhecimento, para que tenhamos, dentre outros reconhecimentos, a visibilidade no fazer científico. Um grupo que estende seu potencial para os diálogos entre as áreas do conhecimento, se fortalecendo com as abordagens multireferenciais, interdisciplinares, interseccionais e experiências situadas.”

Regis Glauciane afirma: “hoje o CIGE se configura como esse referencial, especialmente, de formador multiplicador, que busca alcançar as mais diversas leituras sobre os objetos dos estudos sociais, entre estes: a diversidade cultural, as dimensões simbólicas da vida social, as relações de poder e relações sociais, estando no centro dos debates, o combate ao androcentrismo nas ciências, às hierarquias que produzem desigualdades entre homens e mulheres e sua profunda relação com o patriarcalismo e com as várias formas de violência com as mulheres, que precisamos resistir e combater todos os dias.”

Para a professora, “o CIGE é esse grupo – que busca, através das discussões interligadas entre ‘*Ciência, Gênero e Educação*’, alimentar um repertório de combate às desigualdades, às opressões sexistas, racistas, classistas, estruturadas pelas culturas hegemônicas e refletidas no compartilhamento e na difusão do conhecimento, ciente de que, uma ciência não existe num vácuo ou isolada da mesma sociedade que a criou, está dissemina práticas para a sua manutenção e controle do setor dominante (BERMAN, 1977).”

Neste mesmo sentido, em 2004, uma oportunidade importante surgiu para Chico, quando foi “selecionado para participar de um projeto de iniciação científica ‘Determinismo biológico e identidades de gênero: percepções de estudantes de graduação da UFBA (2005), apoiado pelo CNPQ, sob a orientação da Professora Ângela Maria Freire de Lima e Souza. Esse projeto tinha como foco as percepções de estudantes de graduação da UFBA sobre identidade de gênero e determinismo biológico.” Durante essa experiência, ele pode “compreender de forma mais profunda o impacto do currículo acadêmico na formação das concepções dos estudantes em relação ao gênero.”

“Esses momentos cruciais na minha trajetória acadêmica,” afirma Chico, “não apenas expandiram meu entendimento sobre questões de gênero, mas também solidificaram minha conexão com o Grupo de Pesquisa CIGE e a inspiradora Professora Ângela Maria Freire de Lima e Souza, cuja orientação e sabedoria continuam a guiar minha caminhada no campo dos estudos de gênero e feminismos.”

“Os resultados desse projeto foram reveladores e me incentivaram a continuar minha pesquisa, continua como pesquisador. Em 2011, concluí meu mestrado na UFBA, também orientado pela Professora Ângela. Nessa etapa, minha pesquisa se concentrou em entender as representações sociais de professores de biologia sobre gênero e determinismo biológico no contexto do Ensino Médio. Nossa pesquisa de mestrado apontou que muitos professores mantinham visões deterministas que contribuem para a hierarquização dos gêneros e a inferiorização das mulheres. Minha pesquisa agora se voltava para a análise dos currículos dos cursos de Terapia Ocupacional no Brasil, com um enfoque feminista. Eu buscava compreender como os Estudos de Gênero eram incorporados nos currículos desses cursos, identificando uma lacuna que clamava por um debate mais amplo sobre as contribuições desses estudos para a Terapia Ocupacional brasileira.”

“As atividades do CIGE contribuem para transformar verdades individuais em discussões coletivas,” afirma a historiadora feminista Lina Aras. “Tal ação é muito importante porque a produção do conhecimento é uma elaboração individual e, muitas vezes, a pesquisadora e o pesquisador se sentem na solidão que essa atividade produz. Portanto, a participação no CIGE faz com que pessoas com experiências diversas possam refletir sobre um assunto específico, fazendo com que o crescimento e amadurecimento individual e do grupo se realizem.”

Ao trabalhar com o conceito de *parrésia*, como um discurso de verdade, na concepção de Michel Foucault, Rago destaca a ideia de que “não se trata de qualquer enunciação de verdade, e sim daquela que comporta um risco” (RAGO, 2013, p. 4). A autora também aponta diferenças entre as “escritas de si” masculinas e femininas. Enquanto os homens constroem suas autobiografias com o intuito de elaborar e dar um certo fechamento interno para questões que envolvem vivências passadas, as mulheres, ao narrarem a si próprias buscam publicizar através das suas histórias particulares, situações pelas quais nós mulheres passamos coletivamente. Assim, constituem uma

escrita de denúncia, ao trazerem para a cena pública aspectos da vida privada, tais como aborto, prostituição (não como exploração sexual, mas como escolha), encarceramento, separação das/os filhas/os, vivências de racismos e discriminação por identidade e/ou orientação sexual, entre outros. Nesse sentido, as *verdades* enunciadas sobre o CIGE recorrem às nossas vivências amorosas, que falam de um cuidado de si e das outras pessoas, mas também as denúncias de processos de exclusão e tentativas de desqualificação, como os relatados em seções anteriores deste texto, feitos pela Professora Ângela Freire, ao narrar sua transição como pesquisadora de uma chamada “ciência dura” para as pesquisas de Gênero.

## **Sobre O Tamanho Da Colcha: À Espera De Novos Retalhos**

As mulheres e o feminino seguem sendo inferiorizadas. Não há lugar ou momento seguro para nós. Assim, este grupo reconhece que ainda há muito por fazer. Semelhante a Rago (2013, p.14) entendemos que é preciso “enraizar as nossas práticas feministas numa tradição libertária, capaz de repensar o político e desfazer os nós cristalizados que perpetuam a naturalização da violência de gênero sobre os corpos femininos”

“A família CIGE,” afirma Márcia Barbosa, “é uma companhia marcante que muito tem contribuído para o meu aprendizado, para minha transformação de ‘lagarta para borboleta’. Partilhamos conhecimentos e experiências que são fundamentais para enriquecer o nosso crescimento e a nossa vida. Cotidianamente, o nosso lema tem sido: aprendemos na coletividade, na troca construtiva. Estamos cientes de que, o envolvimento e aprendizado das pessoas que participam do CIGE são fundamentais para a continuidade das nossas lutas em prol da justiça social. A equidade de gênero, o empoderamento das mulheres e o respeito às diversidades, afirma Rago (2013, p.14)

A meu ver, em nosso tempo, são as feministas aquelas que tomam esse trabalho nas próprias mãos, pois os feminismos ultrapassam os limites instituídos entre público e privado, corpo e alma, razão e emoção, essência e acidente, centro e periferia, importante e fútil, limites que as esquerdas infelizmente respeitaram.

Somos nós, as pessoas feministas que a partir de novos tecidos, de mais retalhos seguiremos no alinhavar e costurar de dias mais igualitários e justos para as populações. Para tanto, vez por outra, voltaremos a contar do caminho e do caminhar. Mesmo porque,

“o processo de contar-se é entrelaçado à vida,” conforme afirma Amilde. Parafraseando Freire (2005), tanto a construção de conhecimentos no CIGE quanto esse relato são obras inacabadas porque o ser humano é inacabado e tem consciência de sua inconclusão.

E outra vez, conforme a inspiração do que nos convoca a refletir Cris Pizzimenti, avaliamos que é dessa maneira mesmo que a institucionalização do fazer se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da estrutura maior. E a melhor parte é que nunca estará pronta, finalizada... haverá sempre espaço para acolher novos retalhos, novos conjuntos de interesse com disposição para o dar e o receber, para limpar o caminho, para adicionar bifurcações e seguir crescendo, além de ampliar as possibilidades de ler o mundo.

Os retalhos vão se achegando através, principalmente, da participação docente. Nas palavras de Lina Aras, “a própria exigência da participação de discentes em Grupo de Pesquisa no currículo do curso de mestrado e doutorado do PPGNEIM contribui para a dinâmica das inclusões e, mesmo, naturalmente as exclusões após o cumprimento da atividade. A riqueza das pesquisas realizadas no interior do Programa, em seus aspectos teórico-metodológicos, demonstra a generosidade acadêmica daquelas (es) participantes ao apresentar suas elaborações e receber as contribuições e críticas das pessoas participantes do CIGE.”

A professora Ângela Freire retoma o título do “pequeno texto” construído, para dizer de uma importante reflexão: “a escrita de si, que é a abordagem da própria vida com tema, trata obviamente das condições espaciais e temporais do sujeito que escreve, bem como de suas referências socioculturais. Neste sentido, uma história narrada em primeira pessoa nunca é individual, mas uma representação de muitas vidas superpostas.” Espero que possamos, um dia, com base nas muitas histórias que contamos, repletas das memórias pessoais e coletivas, transformar o mundo em que vivemos. Aqui, endereçamos para o alinhar de novos caminhos, enquanto preparamos outras composições, mesmo porque, o fato de materializar as memórias em palavras inteligíveis no plano discursivo nos permite revisitar o passado para compreender melhor o presente e projetar o futuro que queremos construir.

## Referências



BERMAN, Ruth. Do dualismo de Aristóteles à dialética materialista: a transformação feminista da ciência e da sociedade. In: JAGGAR, Alison e BORDO, Susan (ed). **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.1997. p. 241-275.

BYUNG-CHUL Han. **Sociedade do cansaço**, Ed. Vozes, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança (Um Reencontro Com a Pedagogia do Oprimido). **Pedagogia ao Pé da Letra**, 2012. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/resenha-do-livro-pedagogia-da-esperanca/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 5, p. 7- 42, 1995

HARDING, Sandra. Rethinking Standpoint Epistemology: what is strong objectivity? In: KELLER, Evelyn Fox; LONGINO, Helen E. (Ed.). **Feminism & Science**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 235-248.

JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

\_\_\_\_\_. Amor e conhecimento: A emoção na epistemologia feminista. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p.157-185.

RAGO, Margareth, 2013. **A Aventura de Contar-se: Feminismos**, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. Da crítica feminista à ciência: uma ciência feminista? In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar (Org.). **Feminismo, ciência e tecnologia**. Salvador: EDUFBA; NEIM, 2002. p. 89-120. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismociencia.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

SCHIEBINGER, Londa. **O Feminismo Mudou a Ciência?** Trad. Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001.

SILVA, S. M. C da. Pretas: lutos e afetos. **Revista Feminismos**. ISSN: 2317-2932 Vol 10, N.2 - maio – dez/2022 10222013

SOUZA, Regis G. S. de; VANIN, Iole M.; Sujeitos do conhecimento e o protagonismo histórico: considerações sobre a crítica feminista nas ciências e suas contribuições metodológicas para a educação. In: RISCAROLLI, Eliseu. **Docência e Práticas Pedagógicas: percursos, reflexões e experiências no cotidiano da educação**. Curitiba: CRV, 2020, p. 81-99.

